

**A produção/interpretação de eventos impolidos:
Recursos e práticas linguístico-discursivos sinalizadores de
comportamento verbal agressivo**

Thenner Freitas da Cunha

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

**Analista de Avaliação da Educação
CAEd-UFJF
Juiz de Fora, Minas Gerais
Brasil**

Instituição que conferiu o grau:

Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Data da colação do grau: 2014

Palavras-chave: Im/polidez, trabalho de face, *self*, prosódia, PROCON, audiências de conciliação.

Esta tese tem como objetivo identificar como a impolidez é manifestada por participantes em audiências de conciliação realizadas no PROCON de uma cidade de Minas Gerais. O tema polidez/impolidez, desde o modelo clássico proposto por Brown e Levinson (1987) tem sido objeto de críticas e revisões em Pragmática Lingüística, tanto em termos teóricos quanto empíricos.

Mills (2009) considera a polidez um assunto muito mais complexo, que envolve principalmente o estudo dos comportamentos individuais em detrimento a regras sociais. A

autora argumenta, também, que Brown e Levinson não discutem profundamente a questão da impolidez, tratada apenas como resultante da “ausência” de polidez e não como um tema que precise de um tratamento específico. Mills enfatiza a importância da impolidez, que não tem sido objeto de estudo tanto quanto a polidez, e salienta que polidez e impolidez não são semanticamente lados opostos: para que um ato impolido aconteça não necessariamente aconteceria um ato polido e vice-versa, não podem ser vistos simplesmente como dois polos opostos, ou seja, a impolidez não é dependente da polidez.

Desta forma, temos como foco a impolidez, mostrando sua importância na interação. Para tratarmos da questão da impolidez recorreremos, principalmente, aos trabalhos de Culpeper (1996); Culpeper *et al.* (2003); Culpeper (2005, 2010). De acordo com Culpeper (1996) existem muitos estudos sobre as estratégias que promovem ou mantêm a harmonia social na interação, mas existem poucos trabalhos sobre as estratégias comunicativas que atacam o interlocutor e causam desarmonia.

Segundo Roberts e Sarangi (1999), todas as instituições são constituídas por práticas discursivas partilhadas que podem ser entendidas com referência a sua própria história e tradição. Berger e Luckman (1967: 83) usam o termo “ordem institucional” para se referirem ao conhecimento básico das regras de conduta institucionalmente apropriadas.

O tipo de atividade escolhido para análise são audiências de conciliação, em que, efetiva-se uma das funções do PROCON: a de ser um fórum de justiça popular (de baixo custo), em que as partes advogam em causa própria, sem a presença obrigatória de um advogado. O mediador, representante do PROCON, apresenta a reclamação, ouve as partes e as auxilia na produção de um acordo, meta instrumental do encontro. A audiência de conciliação é um tipo de atividade (Levinson, 1992) marcado por um conflito aberto de interesses entre as partes. A linguagem desempenha um papel central na negociação, sendo uma verdadeira ferramenta de trabalho, pois é através dela que todo o processo de argumentação e convencimento se dará.

Temos central interesse nas discussões sobre práticas comunicativas que ocorrem em situações de conflito, ou contextos em que os papéis institucionais de alguns dos participantes garantem / sancionam (Archer, 2008) o uso de uma linguagem agressiva, categorizada, por alguns estudiosos, como impolida ou de ataque à face do outro. Como afirmou Leech (1983), elocuições conflitivas, geralmente, são vistas como marginais no comportamento linguístico humano. Entretanto, há tipos de atividade em que a fala conflitiva desempenha um papel importante, tais como, em interrogatórios policiais, nos tribunais de Júri, (*courtroom*); em disputas judiciais, entrevistas de emprego, assim como nas audiências de conciliação por nós estudadas. Desta forma, de acordo com Archer (2011), é importante revisitarmos algumas questões levantadas por alguns dos estudos que já exploraram estratégias de trabalho de face e im/polidez em contextos legais, como os trabalhos de: Lakoff e Turner (1989), Penman (1990), Archer (2008), Limberg (2008) e Harris (2011). Para Archer (2008), esses trabalhos contribuíram para moldar e aprimorar o pensamento atual sobre trabalhos de face e im/polidez nos contextos jurídicos.

Para efeito de análise, adotamos o termo impolidez quando ocorrer uso de linguagem agressiva, acarretando ameaça ou agravamento de face tanto do *self* quanto do outro.

Com o objetivo de investigar quais são as práticas e os recursos linguístico-discursivos impolidos, utilizados pelas partes envolvidas em uma audiência de conciliação, em que as partes, via de regra, se mostram preocupadas em proteger a face do

opponente, desenvolvemos perguntas de investigação cujas respostas foram buscadas por meio de estudo de caso.

1. Quais as principais práticas/estratégias discursivas utilizadas nas audiências de conciliação para ameaçar / agravar as faces do *self* e do outro?
2. Quais são os recursos linguístico-discursivos tornados relevantes na sinalização de impolidez neste contexto?
3. Quais são os “limites” da impolidez nas audiências de conciliação analisadas?

Procuramos demonstrar como os participantes de audiências de conciliação realizadas no PROCON utilizam as estratégias de impolidez quando apresentam/formulam seus argumentos para defender as posições/pontos de vista. Foram analisadas situações em que estas estratégias aparecem e tornaram-se relevantes para os participantes. A busca por este ponto de vista êmico teve, como objetivo principal, entender o modo como as partes, envolvidas nestes encontros, recorrem a certos mecanismos para fortalecer e sustentar as posições que estão defendendo.

Como resultado desta análise, podemos afirmar que as estratégias de impolidez são importantes na construção/apresentação e sustentação de posições e são importantes mecanismos de ameaçar a agravar a face do oponente, porém, quando usadas em excesso podem prejudicar o acordo, meta fim das audiências de conciliação no PROCON.

As estratégias de impolidez exercem um importante papel e guiam as ações que estão sendo desenvolvidas no discurso. As tarefas discursivas desencadeiam um conjunto de ações, que se organizam seqüencialmente, permitindo que os participantes administrem e negociem as metas comunicativas que orientam suas contribuições de fala. Espero que este estudo contribua para outros que busquem explorar de forma mais aprofundada quais são as práticas e recursos linguístico-discursivos utilizados pelas partes envolvidas em outros contextos institucionais jurídicos. Assim como para o estudo da impolidez, que como muitos pesquisadores já afirmaram, ainda ocupa um papel periférico nos estudos da linguagem. Por fim, acreditamos ter disponibilizado reflexões acerca das práticas e recursos linguístico-discursivos utilizados pelas partes envolvidas nas audiências de conciliação no PROCON, na tentativa do *self* ganhar face e ameaçar / agravar a face do oponente. Assim como mostramos os limites da impolidez neste contexto institucional. Esperamos que as discussões feitas aqui sejam tomadas como terreno fértil para a compreensão das ações dos participantes e que essa análise motive a continuidade de investigações desse tipo em outros cenários da atividade humana.

References

- Archer, D. (2008). Verbal aggression and impoliteness: related or synonymous? In D. Bousfield e M. A. Locher, Orgs., *Impoliteness in Language*, 181–207. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Archer, D. (2011). Facework and im/politeness across legal contexts: an introduction. *Journal of Politeness Research*, 7(1), 1–19.
- Berger, P. e Luckman, T. (1967). *The Social Construction of Reality*. New York: Doubleday.
- Brown, P. e Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Culpeper, J. (1996). Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 25(3), 349–367.

- Culpeper, J. (2005). Impoliteness and entertainment in the television quiz show: *The Weakest Link*. *Journal of Politeness Research*, 1(1).
- Culpeper, J. (2010). Conventionalised impoliteness formulae. *Journal of Pragmatics*, 42(12), 3232–3245.
- Culpeper, J., Bousfield, D. e Wichmann, A. (2003). Impoliteness revisited: with special reference to dynamic and prosodic aspects. *Journal of Pragmatics*, 35(10–11), 1545–1579.
- Harris, H. (2011). *Integrationist Notes and Papers 2009–2011*. Gamlingay: Bright Pen.
- Lakoff, G. e Turner, M. (1989). *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.
- Leech, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- Levinson, S. (1992). Activity types and language. In P. Drew e J. Heritage, Orgs., *Talk at Work. Interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Limberg, H. (2008). Threats in conflict talk: Impoliteness and manipulation. In D. Bousfield e M. Locher, Orgs., *Impoliteness in Language. Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice*, 155–179. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Mills, S. (2009). Impoliteness in a cultural context. *Journal of Pragmatics*, 41(5), 1047–1060.
- Penman, R. (1990). Facework & politeness: Multiple goals in courtroom discourse. *Journal of Language and Social Psychology*, 9(1–2), 15–38.
- C. Roberts e S. Sarangi, Orgs. (1999). *Talk, Work and Institutional Order: Discourse in Medical, Mediation and Management Settings*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter.